

# *Antropônimos estrangeiros no Brasil: questões de pronúncia e ortografia*

MASSINI-CAGLIARI, Gladis / Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - UNESP -  
gladis@fclar.unesp.br

MACEDO, Natalia Z. / Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - UNESP -  
natzmacedo@gmail.com

---

*Eje: Lingüística Formal*

*Tipo de trabajo: ponencia*

---

» *Palabras clave: fonología – nomes próprios – ortografia*

## » *Resumen*

Este trabalho analisa adaptações ortográficas e fonético-fonológicas realizadas por falantes de Português Brasileiro (PB) ao pronunciar antropônimos (nomes próprios) de origem (verdadeira ou supostamente) estrangeira, sobretudo os provenientes da língua inglesa. Investiga-se a força do sistema fonológico da língua de chegada no processo de incorporação de palavras estranhas a esse sistema, trazendo contribuições para a determinação das relações entre mudança linguística e identidade fonológica, a partir da investigação dos limites entre o que é e o que não é considerado “português”, do ponto de vista do som, para os seus próprios falantes nativos (cf. Massini-Cagliari, 2010, 2011). Na perspectiva da identidade linguística (fonológica) do Português, a questão a ser examinada é, pois, a seguinte: pode a pronúncia dos empréstimos por brasileiros ser já considerada “brasileira”, ou seja, pertencente ao PB? Os antropônimos foram coletados em escolas brasileiras localizadas no interior do Estado de São Paulo, na cidade de São Carlos, e foram transcritos e analisados à luz dos modelos fonológicos não lineares. Seguindo a proposta de Souza (2011), este estudo busca compreender, por meio da presença de antropônimos de origem inglesa no Brasil, como o sistema linguístico do IA (inglês americano) e do PB se relacionam e se interinfluenciam, uma vez que um mesmo antropônimo apresenta, concomitantemente, marcas das duas línguas, quer de natureza fonético-fonológica, quer de natureza ortográfica.

## » *Introdução*

Deroy (1956) descreve quatro modos de se adaptar a pronúncia de um termo estrangeiro. O primeiro processo descrito é a omissão de fonemas desconhecidos ou impronunciáveis; o segundo, a substituição de um fonema de difícil pronúncia por um fonema comum da língua de adoção; o terceiro é a introdução de fonemas novos para atribuir à palavra um “ar familiar”, como a inserção de uma vogal epentética ou protética à palavra; e, por fim, o quarto recurso é o deslocamento do acento de acordo com as regras da língua de adoção.

Este estudo<sup>1</sup> analisa alguns destes processos dentro das possibilidades do corpus coletado, sendo destacados os processos de epêntese, palatalização e vocalização do /l/ ocupando lugar de coda silábica.

Massini-Cagliari (2010) afirma que alguns processos fonológicos podem ocorrer frente à tentativa dos falantes da língua de chegada aplicarem às formas “alienígenas” processos típicos da fonologia de sua língua materna, o que torna o resultado da pronúncia “brasileira” dessas palavras bem diferente da estrutura silábica e segmental da língua de partida.

Do ponto de vista da identidade linguística (fonológica) do Português, examina-se se a pronúncia dos empréstimos por falantes de PB já pode ser considerada “brasileira”, ou seja, pertencente ao PB.

A partir da coleta de antropônimos de crianças matriculadas na cidade de São Carlos, interior do estado de São Paulo, Brasil, estudam-se alguns processos resultantes da adaptação fonético-fonológica de nomes verdadeira ou supostamente estrangeiros pronunciados por falantes de PB.

### › *Antropônimos estrangeiros no Brasil e a contribuição para a identidade fonológica do PB*

Carvalho (2009) afirma que o Brasil caracteriza-se por ser o país lusófono que mais adota nomes próprios de origem inglesa, sobretudo nos baixos estratos sociais urbanos. Uma das possíveis razões para estas escolhas fundamentam-se, de acordo com Prado e Massini-Cagliari (2011), no fato de os brasileiros identificarem-se culturalmente com os norte-americanos, dada a importância que os Estados Unidos assumem no cenário mundial.

Com relação à questão da identidade fonológica do português, de acordo com Massini-Cagliari (2010), a adaptação de nomes próprios de origem estrangeira merece destaque por se tratar de uma situação “limite” no que diz respeito à adaptação fonológica

---

<sup>1</sup> Este trabalho recebeu financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP – Processo 2013/ 01454-5).

de empréstimos/estrangeirismos. A partir da investigação da delimitação entre o que é e o que não é considerado português, do ponto de vista do som, para os seus próprios falantes nativos a autora fundamenta sua defesa.

Como exemplos, a pesquisadora analisa alguns antropônimos realizados por falantes de PB que contrariam o padrão de seu próprio idioma, como são os casos de *Wlamir* (padrão silábico não comum no português), cuja primeira sílaba apresenta a sequência /vl/, presente no PB justamente apenas em nomes próprios emprestados de outras línguas; de *Wáshington*, com posição não-default de acentuação, trazendo na posição silábica pré-nuclear a semivogal /w/, que ocorre nessa posição em PB apenas após consoantes oclusivas velares /k,g/ e de *Kleiton*, um paroxítono terminado em sílaba travada (Massini-Cagliari, 2010, pp. 83-86).

A referida autora defende que, em contexto de português, muitas vezes, os falantes nativos carregam para sua língua traços da pronúncia original do nome inglês, trazendo para o sistema da língua características que não lhe são comuns. Ressalta, entretanto, que em alguns casos o processo de adoção de uma ortografia brasileira pode revelar o processo de adaptação fonológica pelo qual o nome teria passado.

O reconhecimento da “identidade” fonológica do PB por parte dos falantes nativos pode ser sustentado pelo fato de buscarem no imaginário estrangeiro nomes que fujam ao cânone da sua língua materna. Agem assim, “negando e reafirmando, ao mesmo tempo, sua identidade fonológica, uma vez que a fuga dos padrões prosódicos do PB acaba por evidenciar que esses falantes nativos conhecem muito bem a sua identidade linguística, em termos rítmicos, operando com/sobre ela perfeitamente” (Massini-Cagliari, 2010, p. 88).

## › *Metodologia*

O corpus desta pesquisa, constituído por dois mil e onze prenomes próprios são-carlenses de crianças nascidas entre 1989 e 2005, foi dividido em dois grandes grupos: I. Nomes usuais no PB e II. Nomes estrangeiros ou não usuais no PB, sendo subcategorias do primeiro grupo nomes com ortografia padrão e com ortografia não usual, e cabendo ao segundo nomes de origem verdadeira ou supostamente estrangeira (inglesa/norte-americana); aqueles com adaptações fonético-fonológicas ou gráficas (ortográficas) e também as novas criações antroponímicas ou de origens desconhecidas. Neste estudo, focalizam-se os resultados obtidos a partir das análises das adaptações fonológicas e gráficas registradas. Com o levantamento do corpus, estudam-se alguns fenômenos de ressilabação: epêntese, palatalização e vocalização do /l/ ocupando lugar de coda silábica, analisando-os de acordo com as teorias fonológicas não lineares (cf. Hayes, 1995; Clements

& Hume, 1995; para o PB, Cagliari, 1997,1999; Massini-Cagliari,1999).

## ➤ *RESULTADOS E DISCUSSÃO*

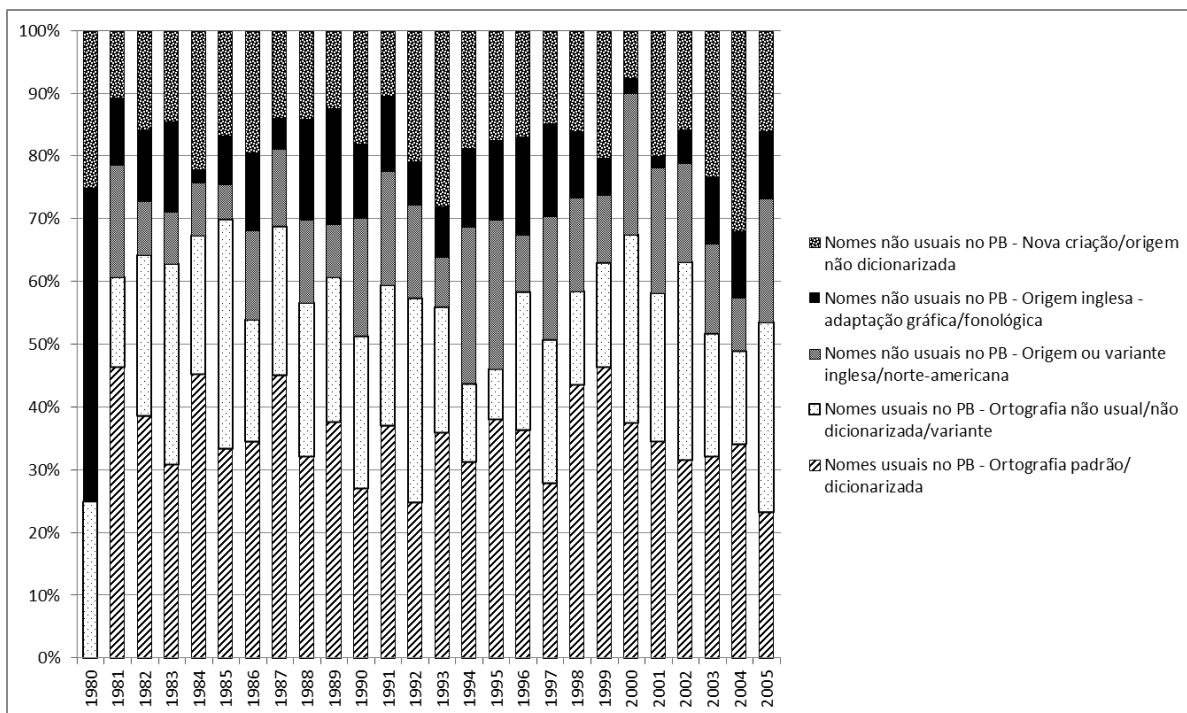
A Tabela 1, a seguir, apresenta o total de ocorrências em cada subcategoria, resultando nos dois mil e onze prenomes que foram coletados. A partir da divisão dos dados coletados nas categorias “Nomes usuais no PB” e “Nomes não usuais no PB”, obteve-se 59% para a primeira categoria e 41% para a segunda, aproximadamente. Desta forma, tem-se uma porcentagem significativa de nomes que demonstram as preferências estilísticas dos pais por nomes que fujam ao cânone. Registros de ortografia estrangeira neste corpus coletado, assim como nos trabalhos de Assis (2007) e Souza (2011), são abundantes. Casos em que a pronúncia é adaptada também são expressivos.

**Tabela 1**

*Total de ocorrência de antropônimos em cada subcategoria*

Subcategorias	Ocorrências (%)
Ortografia padrão/ dicionarizada	713 (35,5%)
Ortografia não usual/não dicionarizada/variante	472 (23,5%)
Origem ou variante inglesa/ norte-americana	276 (14%)
Origem inglesa - adaptação gráfica/fonológica	212 (10,5%)
Nova criação /não dicionarizada	338 (16,5%)
TOTAL	2011 (100%)

Ilustra-se, na figura 1, a comparação das subcategorias nos anos registrados, isto é, de 1980 a 2005.



**Figura 1. Comparação da porcentagem das subcategorias em cada ano**

Os dados representados na figura 1 mostram que em todo o período considerado de 26 anos, quando se excluem do cálculo os dados de nomes usuais no PB grafados de forma não convencional, o percentual de nomes de origem estrangeira e de novas criações é mais alto. Entretanto, não se observa um acréscimo nesse percentual nos anos observados; ao contrário, a soma dos nomes de origem estrangeira com a quantidade de criações novas mantém-se sempre entre 30 e 50%, apresentando comportamento excepcional em alguns anos específicos (1980, por conta da pouca quantidade de dados coletados; 1994 e 1995, quando atingiu mais de 50%). Em resumo, ao contrário do que parecem sugerir alguns trabalhos da área (Carvalho, 2009), o aumento da preferência por nomes estrangeiros pode ser ainda mais antigo do que o tempo recortado por esta pesquisa, uma vez que no período considerado o percentual de sua escolha tende a uma estabilização.

### *Análise dos processos de adaptações fonológicas*

Em relação à adaptação fonológica feita pelo falante comum ao sistema fonológico de sua língua materna, Carvalho (2009) afirma que “esta é feita sem preocupação alguma com a fonologia da língua estrangeira” (p.45). A posição de Assis (2007), no entanto, é de que “a substituição não ocorre com todos os fonemas, mas apenas com aqueles para os quais não há correspondentes na língua de chegada” (p.56).

A seguir, são analisados processos fonológicos encontrados no corpus coletado,

sendo destacados os processos de epêntese, palatalização e vocalização do /l/ ocupando lugar de coda silábica.

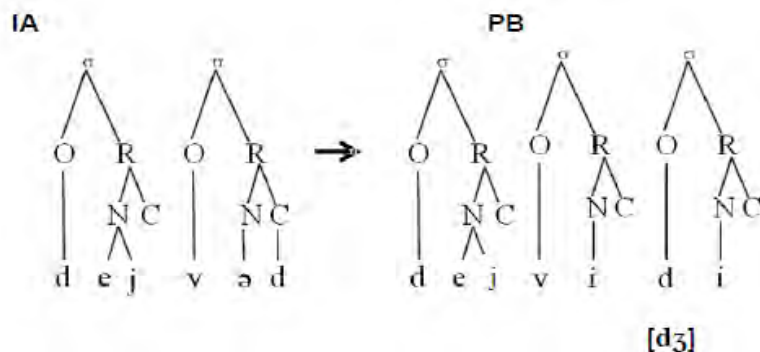
### Epêntese

Câmara Jr. (1986) define epêntese como aquela que, “entre as mudanças fonéticas, a que resulta do desenvolvimento de um fonema no interior do vocábulo” (p.107). No corpus desta pesquisa, é possível observar este fenômeno em antropônimos como Roberti (registrado em 1991), no qual, na nova sílaba no PB, a oclusiva alveolar desvozeada /t/ passa a ocupar a posição de onset e também em Deivid (ocorrência nos anos de 1986, 1988, 1989 e 1999 – encontrado também na forma David nos anos de 1997 e 2003), em que, de forma semelhante, constituindo uma nova sílaba, a oclusiva alveolar vozeada /d/, da posição de coda no IA, passa para a posição de onset na língua de chegada. Outros nomes recorrentes são Richard (que aparecem nos anos 1985, 1988, 1990, 1991 e 1993) e Erick (nos anos de 1983 e 2005).

O exemplo 1, a seguir, representa, em diagramas arbóreos, a adaptação ao PB ocorrida na pronúncia do prenome inglês David. Dispostos de forma paralela, o primeiro diagrama (à esquerda) refere-se ao IA e o segundo (à direita), ao PB.

(1)

*David*

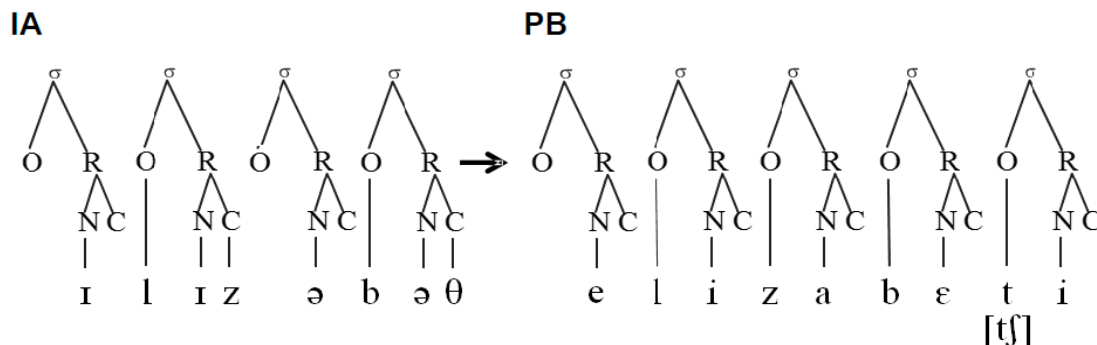


(Souza, 2011, p. 196)

De forma semelhante, no presente corpus (nos nomes registrados nos anos de 1984, 1989 e 1990), observou-se a ocorrência do antropônimo Elizabeth (adaptado graficamente também na forma Elizabete), em que o falante, diante do fonema consonantal /θ/, inexistente no PB, realizou-o como [tʃ].

(2)

## Elizabeth



(Souza, 2011, p. 198)

Souza (2011, p. 197) explica que, neste caso, a epêntese foi ocasionada porque, diante de um som inexistente no inventário do PB, o fonema /θ/, o falante fez um reajuste na estrutura silábica, gerando uma nova sílaba em virtude do acréscimo da vogal epentética [i]. A autora afirma ainda que, na concepção dos autores que já trataram da epêntese, o fenômeno pode ser compreendido como um processo fonológico de regularização que visa à correção de sequências consonantais não permitidas na língua portuguesa.

## Palatalização

Em outros casos, observou-se o fenômeno da palatalização, que, de acordo com Silva (2007):

Consiste no levantamento da língua em direção a parte posterior do palato duro, ou seja, a língua direciona-se para uma posição anterior (mais para a frente da cavidade bucal) do que normalmente ocorre quando se articula um determinado segmento consonantal. A consoante que apresenta a propriedade secundária de palatalização apresenta um efeito auditivo de sequência de consoante seguida da vogal i. A palatalização geralmente ocorre quando uma consoante é seguida de vogais anteriores i, e, é (orais ou nasais). (p.35)

Souza (2011) traz as afirmações de Cagliari (2002) e Silva (2007) de que “a palatalização em dialetos do PB refere-se principalmente às oclusivas /t/ e /d/, que se realizam foneticamente como africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] quando diante da vogal anterior /i/” (p.199) e afirma que tais segmentos caracterizam-se como fonemas distintos na língua inglesa, diferentemente do PB.

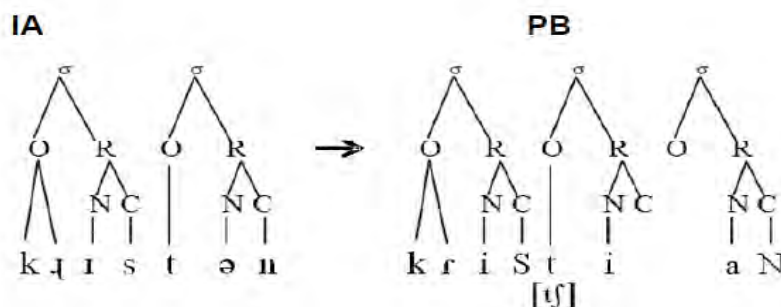
Pronúncias palatalizadas nas realizações de antropônimos estrangeiros também foram encontradas no corpus desta pesquisa, semelhantemente ao de Souza (2011) que se ocupa com a variedade maranhense. Isto prova sua afirmação de que “a palatalização é

sempre um dos aspectos pontuados pelos pesquisadores sobre a variação dialetal na língua portuguesa. Trata-se de um recurso linguístico predominante entre os falantes da maioria das regiões brasileiras” (p.198)

Os exemplos observados abaixo pela pesquisadora foram também registrados neste presente trabalho: Christian, com uma única ocorrência no ano de 2000, exemplo 3; e Edson, exemplo 4, encontrados nos anos de 1981, 1986, 1987 e 1999.

(3)

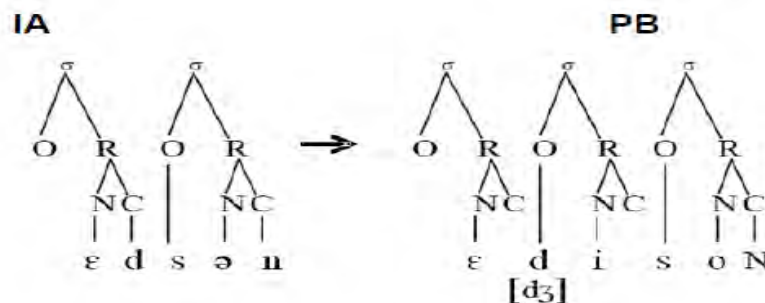
**Christian**



(Souza, 2011, p. 200)

(4)

**Edson**



(Souza, 2011, p. 200)

### Vocalização do /l/ ocupando lugar de coda silábica

Os antropônimos de origem inglesa (ou cunhados a partir de prenomes estrangeiros) registrados neste presente trabalho que sofreram o processo de vocalização do /l/ ocupando lugar de coda silábica, quando pronunciados por falantes da variedade são-carlense, foram as duas diferentes realizações da forma inglesa *Michael*, registrados graficamente como Maikel no ano de 1983, e, de forma idêntica à grafia inglesa, Michael em outros três anos: 1984, 1990, 2000.



Nas palavras de Souza (2011), “no inglês não há possibilidade de vocalização do /l/ na posição de coda silábica como no PB. Segundo Ladefoged (2006, p. 67), a pronúncia velarizada é a mais recorrente na língua americana” (p. 207).

Constata-se assim que falantes de PB como língua materna geralmente encontram dificuldades para reproduzir, no nível fonológico, a distinção existente somente na língua inglesa entre alguns fones e acabam, dessa forma, por adaptá-los em contexto de português.

Na realização fonética do nome Maikel, cunhado a partir do modelo estrangeiro analisado anteriormente, em contexto de PB há a preservação original do ditongo decrescente /aj/, representado por <i> no inglês, mas o fonema [ə] é substituído por [e].

### *Análise dos processos de adaptações gráficas*

A seguir, faz-se a análise da ortografia adaptada (ou não) de alguns registros coletados.

De acordo com Carvalho (2009), “um termo estrangeiro perde esta condição quando não é mais percebido como tal. Se ele permanece escrito na sua forma de origem, será sempre sentido como elemento estrangeiro ao sistema linguístico, quanto à sua forma escrita” (p.44). Talvez esta afirmação possa justificar a ocorrência de muitos nomes deste presente corpus que não se adaptaram ao sistema ortográfico do português pelo fato da “preferência ao estrangeiro” como marca estilística dos pais.

A intenção, ao se manter a forma original do nome, pode ser justificada pelo desejo de se realçar a origem estrangeira dos antropônimos. Já em outros, não; a grafia do nome adaptada ao português segue o registro gráfico da adaptação que ocorre a nível fonológico, como frequentemente foi encontrado em nomes como *Diane*, grafados como Daiane (nos anos de 1982, 1985, 1986, 1987, 1988, 1989, 1990 e 1995); Dayane (em 1985, 1990, 1991, 1992 e 1999); Dayanne (em 1983) e Daiana (em 1985, 1987 e 1989). Em outros casos ainda, a marca do “exótico” se dá em questões estilísticas pura e simplesmente, como a grafia dupla de consoantes, como em Jaddy (registrado em 1998), Cristoffer (em 2000), Jeneffer (em 2005), Raffael (em 1998) ou a presença do <h> em Thaís (nos anos de 1987, 1992, 1993, 1994, 1998 e 2001) e Jheniffer (em 1990), por exemplo.

No corpus também são registrados antropônimos cujo efeito estilístico consiste na preferência por nomes com grafia terminada em <n> ao invés de <m>, como Anderson (nos anos de 1981, 1983, 1988 e 1989), Edson (em 1981 e 1986) e Lilian (em 1982, 1983, 1984, 1986 e 1990), e de <y> ao invés de <i> ou <e>, como seria esperado no PB, como ocorrem em Daniely (em 1981) e Jamilly (em 1996).

Quanto ao nome inglês *Michael*, verifica-se uma grande diversidade na forma gráfica

eleita, como os seguintes registros: Maicon (1986, 1988, 1992, 1998 e 1999), Maikon (1996 e 1998), Maycom (1986) e Maycon (nos anos de 1987, 1988, 1990 e 2004). É perceptível que em alguns deles, há tentativas de adaptação ao sistema ortográfico do português, como é o caso de colocar a letra <m> no final da sílaba. Porém, mesmo nesta opção, outra letra, no caso o <y>, é utilizada, sendo que isto pode indicar que, ainda com uma pronúncia adaptada ao PB, a grafia do nome registra a preferência pelo “diferente”, no caso, a utilização de <y> no lugar de um possível <i> (que é como o nome original é grafado no inglês *Michael*).

Ainda sobre esse nome supracitado, pode-se notar que a adaptação ortográfica segue a fonológica, corroborando a afirmação de Assis (2007) de que o primeiro processo de adaptação sofrido pelos estrangeirismos ocorre no nível fonológico, motivando, por sua vez, outros tipos de adaptação, como a gráfica.

Garcez e Zilles (2004) afirmam que “grande parte dos estrangeirismos são percebidos porque conservam sua identidade estrangeira na grafia, mesmo depois de incorporação à fonologia da língua” (p.24). Talvez seja este, pois, o motivo de alguns nomes de origem estrangeira, mesmo já comuns aos falantes de português, serem grafados ainda como estrangeiros. Dessa forma, a escolha demonstra a intenção do nomeador de registrar o seu conhecimento quanto à proveniência estrangeira do nome, ou de marcar na grafia que trata-se de um nome “chique” porque, ao ser escrito segundo a grafia da língua de origem, foge ao que é “comum” na língua de chegada.

## › *Conclusão*

A partir da análise quantitativa do corpus desta pesquisa, recolhido em uma comunidade de falantes de PB, variedade são-carlense, observou-se que, de acordo com o que afirmara Souza (2011), “os anglicismos penetraram de forma ‘natural’ na antroponímia do povo brasileiro em grande escala” (p. 226).

Também se observou a questão da eleição gráfica do nome, em que muitas vezes se busca imitar o sistema ortográfico da língua estrangeira (no caso, a adoção de consoantes *k*, *w* e *y*, letras que só passaram a compor o alfabeto brasileiro recentemente, quando estas crianças já haviam sido registradas) ou terminações como *-son*, *-ton*, etc. que remetem a uma sonoridade estrangeira. A respeito de nomes com tais terminações, Massini-Cagliari (2011) afirma que a escolha se dá porque eles parecem inglês para falantes de português, apesar de não o serem, como ocorre em Keirison, Richarlyson, Gelson, Clerison, Jandison, Silgleison, entre outros (p. 63).

Esta escolha pelo que vem de fora pode encontrar seus vestígios históricos mais

profundos no período colonial, em que o “chique”, isto é, o que revelava poder aquisitivo e intelectual, eram as coisas vindas de fora: da Europa, que era o centro econômico no período da expansão ultramarina. Hoje, ainda seguindo a mesma mentalidade de que o importado confere mais prestígio, o brasileiro mira a grande potência global, cujo idioma é o inglês, para ascender na escala social.

Neste processo de empréstimo de outra língua, cujo sistema fonológico apresenta diferenças do PB, há um “jogo de sistemas fonológicos paralelos” (Souza, 2011, p. 228). Assim, o que se constata é que

se, por um lado, identifica-se facilmente que os antropônimos em foco constituem-se construções que não são genuinamente portuguesas, por outro, eles apresentam características que são típicas no sistema fonológico do PB. Essas características são resultados das adaptações fonético-fonológicas pelas quais os nomes passam. Assim, esses antropônimos são construções estrangeiras com certas adaptações ao PB: apresentam marcas do inglês bem como marcas do português, quer de ordem fonético-fonológica, quer de ordem ortográfica. (Souza, 2011, p.228)

Massini-Cagliari (2010), citando diversos trabalhos, mostra que as palavras importadas tendem a permanecer como “estrangeiras” por um curto período de tempo apenas, do ponto de vista da sua pronúncia, como é o caso do termo *football* que logo se solidificou como futebol. No entanto, segundo a autora, o mesmo não ocorre com os antropônimos verdadeira ou supostamente estrangeiros adotados por brasileiros. Estes, por sua vez, permanecem com uma estrutura silábica não prevista pelo PB, dada a escolha consciente do falante de “fugir às regras” fonológicas de sua língua materna, o que, paradoxalmente, reforça a ideia de que sabem, justamente, qual é o padrão fonológico da sua própria língua. Trata-se, pois, de um uso estilístico, no sentido em que se trata de um “desvio”.

A quantificação feita neste trabalho mostra que não está havendo, pelo menos na região analisada, um aumento na preferência pelo uso de nomes de origem inglesa, que se mantem estável no período considerado. Outra contribuição linguisticamente importante é o tipo de adaptação (ou não) mostrada pelos dados que revela esse comportamento “híbrido” dos nomes próprios de origem estrangeira, por um lado, levando em consideração a língua de chegada na adaptação de segmentos específicos (inexistentes ou não distintivos em PB), e, por outro, contraditoriamente, podendo manter padrões prosódicos (silábicos e acentuais) marginais ou não padrão na língua alvo.

### ➤ *Referencias bibliográficas*

Assis, A. B. G. (2007) *Adaptações fonológicas na pronúncia de estrangeirismos do Inglês por falantes de Português Brasileiro* (dissertação de Mestrado). Universidade Estadual

- Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, Brasil.
- Cagliari, L. C. (1997) *Fonologia do Português - Análise pela Geometria de Traços (Parte I)*. Campinas, Brasil: edição do autor.
- Cagliari, L. C. (1999) *Acento em Português*. Campinas, Brasil: edição do autor.
- Cagliari, L. C. (2002) *Análise Fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas, Brasil: Mercado de Letras
- Câmara Jr., J. M. (1986) *Dicionário de linguística e gramática*. 13a. ed. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Carvalho, N. (2009) *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo, Brasil: Cortez.
- Clements, G. N. & Hume E. (1995) The internal organization of speech sounds. in Goldsmith, J. A. (org.) *The handbook of Phonological Theory*. Cambridge MA, Oxford UK: Blackwell. 245-306
- Deroy, L. (1956) *L'emprunt linguistique*. Paris, França: Les Belles Lettres.
- Hayes, B. (1995) *Metrical Stress Theory - Principles and Case Studies*. Chicago/London: University of Chicago Press.
- Ladefoged, P. (2006) *A course in phonetics*. California: Harcourt Brace Jovanovich College Publishers.
- Massini-Cagliari, G. (1999) *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara: FCL, Laboratório Editorial, UNESP; São Paulo, Brasil: Cultura Acadêmica.
- Massini-Cagliari, G. (2010) Discutindo questões de identidade a partir da (não) adaptação fonológica de nomes próprios de origem estrangeira no Brasil. In: Maria Helena de Moura Neves. (Org.). *As interfaces da gramática*. 1 ed. São Paulo/Araraquara, Brasil: Cultura Acadêmica/Laboratório Editorial FCL, v. 1, 73-90
- Massini-Cagliari, G. (2011) Loans and foreign first names as clues to Phonological Identity in Brazilian Portuguese. In: David Hornsby. (Org.). *Interfaces in language 2*. 1 ed. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars, v. 1, 53-67.
- Prado, N. C. & Massini-Cagliari, G. (2011) *A presença de palavras de origem inglesa nos dicionários de português brasileiro: questões de identificação cultural*. REVEL, v. 9, n. 17. Disponível em <[www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br)>.
- Silva, T. C. (2007) *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo, Brasil: Contexto
- Souza, S. M. L. S. (2011) *Antropônimos de origem inglesa: adaptações ortográficas e fonético-fonológicas realizadas por falantes do português brasileiro de São Luís (tese de doutorado)*. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, Brasil.